



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA  
ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**ALINE CARLA DE AMORIM SILVA**

**A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA DO CAMPO**

**João Pessoa - PB  
2019**

**ALINE CARLA DE AMORIM SILVA**

**A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo.  
Orientadora: Profa. Dra. M<sup>a</sup> Aparecida Valentim Afonso

**João Pessoa - PB  
2019**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catálogo e Classificação**

S586l Silva, Aline Carla de Amorim.

A literatura infantil como prática pedagógica na escola do campo / Aline Carla de Amorim Silva. - João Pessoa, 2019.

44 f. : il.

Orientação: Maria Aparecida Valentim Afonso.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Contação de histórias. 2. Literatura infantil. 3. Educação do campo. I. Afonso, Maria Aparecida Valentim. II. Título.

UFPB/BC

ALINE CARLA DE AMORIM SILVA

A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA DO  
CAMPO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia com  
área de aprofundamento em Educação do Campo, da Universidade Federal da  
Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em  
Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Aparecida Valentim Afonso (orientador)  
Universidade Federal da Paraíba



Profa. Dra. Francisca Alexandre de Lima (examinador)  
Universidade Federal da Paraíba



Profa. Dra. Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira (examinador)  
Universidade Federal da Paraíba

## **AGRADECIMENTOS**

A elaboração desta pesquisa não teria sido possível sem a colaboração, estímulo e empenho de diversas pessoas. Gostaria, por este fato, de expressar toda a minha gratidão aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta tarefa se tornasse uma realidade. A todos quero manifestar os meus sinceros agradecimentos. Em primeiro lugar, agradecer a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A Professora Doutora Maria Aparecida Valentim, pela paciência e apoio em todas as etapas da construção desse trabalho.

Aos professores do curso de Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo, que através dos seus ensinamentos permitiram que eu pudesse hoje estar concluindo este trabalho.

Aos colegas de sala pela atenção e companheirismo, por contribuírem com o diálogo na sala, permitindo assim a construção e troca de conhecimentos. Aos meus amigos que contribuíram de forma significativa para minha permanência no curso, mesmo nos momentos em que estive ausente, estavam presente com o seu carinho e a amizade.

A minha mãe, por todo apoio e valores humanos a mim ofertados desde os anos iniciais de ensino até a minha graduação.

Finalmente ao meu amado filho, Keven Gabriel de Amorim Martins, agradeço todo o amor, carinho, admiração, e pela paciência que teve comigo ao longo desse período.

A todos, obrigada por permitirem que este projeto seja uma realidade.

## RESUMO

O estudo intitulado “A literatura infantil como prática pedagógica na escola do campo”, objetiva-se em: Investigar como as práticas pedagógicas que utilizam a literatura infantil colaboram com a formação leitora e crítica das crianças do 3º ano da Escola Municipal Pascoal Carrazzoni, município de Itambé-PE; Identificar as contribuições bem sucedidas de práticas para a aprendizagem das crianças; Refletir sobre as contribuições que essas práticas têm para o desenvolvimento da aprendizagem, e, Analisar as contribuições da literatura infantil para o desenvolvimento da leitura. Em seu desenvolvimento, o estudo aborda questões relacionadas à educação do campo e seu surgimento, bem como questões que norteiam o uso da literatura infantil, contação de histórias e o desenvolvimento de competências leitoras. Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de cunho descritivo, utilizando a abordagem qualitativa, tendo como instrumento de construção de dados a entrevista, realizada com uma professora do terceiro ano do Ensino Fundamental. Os resultados desta pesquisa mostram que a contação de histórias é uma ferramenta de suma importância para a formação crítica e social das crianças, ajudando no desenvolvimento leitor dos alunos, sobretudo, quando se apoia nos livros de literatura infantil. Contudo, as práticas de contação de história analisadas evidenciaram uma visão ainda restrita, com destaque para o seu viés moralista e educativo, em detrimento do seu potencial para a formação literária, estético e crítica dos estudantes.

**Palavras chave:** Contação de histórias, Literatura infantil, Educação do campo.

## ABSTRACT

The study titled "Children's literature as a pedagogical practice in the school of the field", objective is to: To investigate how pedagogical practices that use children's literature collaborate with reading and critical education of the 3rd year children of the Escola Municipal Pascoal Carrazzoni, municipality of Itambé-PE; Identify successful contributions of children's learning practices; Reflect on the contributions that these practices have to the development of learning, and, To analyze the contributions of children's literature to the development of reading. In its development, the study addresses issues related to field education and its emergence, as well as issues that guide the use of children's literature, storytelling and the development of reading skills. This research is characterized as a descriptive research, using the qualitative approach, having as an instrument of data construction the interview, held with a third-year elementary school teacher. The results of this research show that storytelling is a tool of paramount importance for the critical and social formation of children, helping in the reader development of students, especially, when it relies on children's literature books. However, the history-telling practices analyzed evidenced a still restricted view, with emphasis on its moralist and educative bias, to the detriment of their potential for literary formation, aesthetic and critical of the students.

**Keywords:** storytelling, children's literature, field education.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 – Sala de leitura .....</b>	<b>27</b>
<b>Figura 2 – Ficha de leitura.....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 3 – Sacola de leitura.....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 4 – Teatro do Sítio do Picapau Amarelo.....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 5 – Leitura pelas crianças.....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 6 – Apresentação dos alunos .....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 7 – Prêmio pela leitura.....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 8 - Leitura pelos alunos .....</b>	<b>39</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. EDUCAÇÃO DO CAMPO E LITERATURA INFANTIL: concepções e história.13</b>	
2.1 Educação do campo: concepções e história .....	13
2.2 A contação de história e a literatura infantil .....	18
2.3 Caminhos da literatura infantil.....	21
2.4 A contação e a leitura de histórias: em busca do desenvolvimento da competência leitora .....	23
<b>3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: entre o deleite e a aquisição da leitura .....</b>	<b>26</b>
3.1 Práticas pedagógicas com a literatura infantil.....	26
3.2 História da escola.....	27
3.3 Dados da entrevista .....	28
3.4 Dados da observação .....	34
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>44</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A educação é um dos maiores bens que podemos adquirir ao longo de nossas vidas, pois nos proporciona um saber que ninguém poderá pegar para si. Nosso processo de educação começa ainda quando criança, na nossa própria família, que nos ensina valores morais e éticos. Após certa idade, este mesmo processo passa a acontecer também na escola, onde aprendemos a nos desenvolver como seres de pensamento crítico. Dentro da escola ou nos espaços educacionais, podemos desenvolver habilidades/práticas que serão indispensáveis em nossa vida, uma das mais importantes é a leitura, indispensável em nosso dia-a-dia, pois é através dela que podemos obter informações e nos comunicar.

Quando falamos em leitura, logo pensamos nas práticas utilizadas durante este processo de aprendizagem. Muito também se questiona sobre qual método utilizar para desenvolver e construir socialmente os alunos, construção esta que terá certa contribuição de acordo com o local em que vivem. Quando este local se trata do campo, as práticas pedagógicas utilizadas devem preservar o contexto, as características dos moradores e a cultura ali existente, utilizando contextos regionais para alfabetizar os alunos.

Uma dentre as variadas práticas é o uso da literatura infantil no processo de alfabetização das crianças, que desenvolve positivamente a leitura e a escrita, além da interpretação e imaginação das crianças. A partir disto, questiona-se como os professores do campo utilizam a literatura infantil como ferramenta pedagógica.

Os professores das escolas do campo por algumas vezes, acabam afastando-se de métodos vistos como eficazes para o desenvolvimento da leitura, por diversos fatores. Alguns desses pode-se destacar aqui, como a falta de biblioteca na escola, de materiais ou outros recursos. Alguns professores não constroem um espaço de leitura dentro das salas de aula para que possibilite a aproximação das crianças, permitindo o desenvolvimento do imaginário das crianças mediante a leitura de imagens, das possibilidades e descobertas oferecidas pelo livro como suporte lúdico, atrativo e criativo. Outros professores, não permitem o contato da criança com os livros, por medo que elas os rasguem ou danifiquem, o que acaba impedindo que as crianças tenham o hábito de ler.

Assim, justifica-se a escolha do tema de pesquisa para elaboração deste TCC, o que observei durante um de meus estágios obrigatórios do Curso de

Pedagogia com Área de Aprofundamento em Educação do Campo, despertando a curiosidade em analisar como ocorre a utilização desta prática em uma escola do campo, sabendo das dificuldades pelas quais as escolas localizadas e consideradas do campo passam há anos e que pouco é feito para mudar a realidade. Enquanto aluna deste curso, esta pesquisa mostra-se de extrema importância para desenvolver práticas que facilitem o desenvolvimento leitor dos alunos do campo.

Desse modo, este TCC objetiva-se em: Investigar como as práticas pedagógicas que utilizam a literatura infantil colaboram com a formação leitora e crítica das crianças do 3º ano da Escola Municipal Pascoal Carrazzoni, município de Itambé-PE. Busca-se por meio desta pesquisa, identificar as contribuições bem-sucedidas de práticas para a aprendizagem das crianças, refletir sobre as contribuições que essas práticas têm trazido para o desenvolvimento da aprendizagem, e analisar as contribuições da literatura infantil para o desenvolvimento da leitura.

Como já dito anteriormente, o estudo tem por objetivo analisar como as práticas pedagógicas que utilizam a literatura infantil, colaboram com a formação leitora e crítica das crianças na escola do campo. Este estudo parte de uma pesquisa descritiva, pois esta “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2008, p. 28). Desse modo, desperta o interesse por conhecer traços e características de comunidades, de escolas, da educação, entre outros, fazendo com que se exija do pesquisador uma série de informações sobre o que se deseja pesquisar (TRIVIÑOS, 1987, p. 110). Neste estudo, utiliza-se a abordagem qualitativa, a qual aborda “questões particulares, que partem de motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que correspondem a um aprofundamento de relações e processos” (MINAYO, 2002, p. 21-22), ou seja, busca-se investigar, a partir de hipóteses um aprofundamento, melhoramento ou compreensão de uma investigação específica, por outro lado, podem ser caracterizadas por traços comuns. “Esta é uma ideia fundamental que pode chegar a realizar um pesquisador que tem por objetivo atingir uma interpretação da realidade do ângulo qualitativo” (TRIVIÑOS, 1987, p. 120).

Com relação ao delineamento da pesquisa, optamos por uma pesquisa de campo, pois esta “caracteriza as investigações em que para além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se coletam dados juntos de pessoas, utilizando

diversos tipos de pesquisa” (FONSECA, 2002, p. 32). Dentre as variadas possibilidades, para esta pesquisa foram definidos dois meios para se construir os dados: o primeiro, a observação, que “se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” conforme destacado por Minayo, (2002, p. 59). O segundo instrumento utilizado na pesquisa foi a entrevista semiestruturada, “em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação” (GIL, 2008 p. 109). Esse procedimento é muito válido em pesquisas que tem um número reduzido de colaboradores e em situações em que o pesquisador tenha oportunidade de interagir com mais proximidade com o investigado.

A fim de atingir os objetivos propostos na investigação e contemplar uma exigência do curso, organizamos este Trabalho de Conclusão de Curso - TCC em quatro capítulos: no primeiro, introdutório, abordo a temática, os objetivos, apresento os sujeitos e local de pesquisa, e faço uma breve apresentação de meus caminhos metodológicos; no segundo, com o título “Educação do campo e Literatura infantil: concepções e história” trato do aprofundamento teórico, onde trago conceitos de educação do campo, literatura e letramento, além de um breve histórico sobre a educação do campo e discuto sobre o desenvolvimento de habilidades; no terceiro, com o título “A Contação de Histórias: entre o deleite e a aquisição da leitura” apresento as práticas pedagógicas utilizadas nesta pesquisa, os dados coletados e a análise dos mesmos. Por fim, trago as considerações finais deste trabalho.

## 2. EDUCAÇÃO DO CAMPO E LITERATURA INFANTIL: CONCEPÇÕES E HISTÓRIA

“A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, essas mãos, sejam de homens ou de povos, se estendam menos, em gestos de súplica. Súplica de humildes a poderosos. E se vão fazendo, cada vez mais, mãos humanas, que trabalhem e transformem o mundo”.

Paulo Freire

Este referencial teórico aborda as discussões em torno da Educação do Campo e Literatura Infantil. Trago de início o debate sobre o surgimento da educação do campo o qual é enraizado nas lutas de movimentos sociais dos povos do campo, devido à mesma ser tratada com descaso, sujeitando os povos do campo a diversas situações, devido à falta de oportunidades para educarem-se. Ainda sobre a educação do campo, discute-se neste referencial os problemas enfrentados para garantir e ofertar uma educação de qualidade para crianças, jovens e adultos do campo.

Na segunda parte deste referencial encontram-se as discussões e abordagens referentes à contação de histórias e literatura infantil. Neste momento, aborda-se o início do processo de ouvir e contar histórias para crianças, bem como o desenvolvimento do ato de ler. Apresento aqui as ideias de Abramovich (1993) e Cavalcante (2018), Cavalcanti (2002), referentes à leitura/contação de histórias para crianças, estabelecendo um diálogo com as ideias apresentadas pelas autoras. Mais adiante trago a discussão a respeito da literatura infantil, com base nos argumentos de Ariès (1981), Silva (2009) e Sandroni (1998), como também o surgimento da produção para crianças no Brasil, além de tratar sobre a infância, destacando a sua invisibilidade para a sociedade e a família. Por fim, discute-se, neste referencial, o desenvolvimento e as competências buscadas a partir de leituras literárias para crianças, baseando-se nos argumentos de Bamberger (2008) e Sisto (2004).

### 2.1 Educação do campo: concepções e história

A educação do campo nasceu das lutas dos movimentos sociais camponeses formados por homens e mulheres que buscavam uma educação de qualidade que se adequasse à sua realidade, tanto de viés econômico, quanto político. Dentre

estes movimentos que contribuíram para a construção e fortalecimento da Educação do Campo, podemos destacar os seguintes: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento de Mulheres Camponesas (MMC Brasil), Confederação dos Trabalhadores da Agricultura (CONTAG) e Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar (FETRAF), conforme ressalta Freitas (2011, p. 40).

Com o passar dos anos a educação do campo começou a ganhar espaço, e através das lutas desses movimentos, a população camponesa vem construindo uma educação voltada para suas especificidades, valorizando a sua cultura e o seu modo de viver. Apesar de estar longe de chegar ao ideal, há de se convir que houve muitas melhorias e conquistas.

Até meados do século XX, a educação do campo era tratada com muito descaso, mesmo sendo destinada a uma população proporcionalmente maior que a população urbana. Nesse período, não havia projetos educacionais voltados para essa população, e as práticas de ensino eram elaboradas seguindo as propostas das escolas urbanas. A Constituição de 1988 trouxe contribuições significativas para a educação do cidadão, respeitando as especificidades do povo brasileiro e os direitos dos povos do campo foram reconhecidos e amparados. Assim, no artigo 205, desse marco legal são estabelecidos o direito à educação independente do lugar em que se realiza, com os seguintes termos:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Assim, a Constituição de 1988 assegura o direito à educação para os povos, sendo estes do campo como também da cidade. Complementando a Constituição, temos outro marco legal que reforça e normatiza direitos para a educação de todos cidadãos. Trata-se da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (1996), que prevê em seu artigo 28 que:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996).

Os incisos deste artigo tratam dos conteúdos, organização e adequação da educação para áreas rurais, garantindo direitos à população campestre, que passou a reivindicar uma educação que valorizasse a cultura do seu povo, que durante muito tempo foi tratada com descaso, deixando os sujeitos do campo à margem.

A educação do campo é um desafio, mas se trata de um direito social e precisa existir, com suas complexidades e particularidades, contradições e singularidades. É uma luta por direitos de pessoas que valorizam o respeito pela dignidade, pela autonomia individual, pela plena e efetiva participação e inclusão na sociedade e pela igualdade de oportunidades, evidenciando, portanto, as condições humanas das pessoas que vivem na zona rural. Na ausência de políticas públicas para o campo, seja em educação, saúde, transporte, moradia e trabalho, revela-se o impedimento das pessoas viverem com dignidade e participarem da vida social.

A educação do campo é traduzida pela legislação pertinente como uma:

[...] concepção político pedagógica, voltada para dinamizar a ligação dos seres humanos com a produção das condições de existência social, na relação com a terra e o meio ambiente, incorporando os povos e o espaço da floresta, da pecuária, das minas, da agricultura, os pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos, quilombolas, indígenas e extrativistas (CNE/MEC 2002).

O conceito de Educação do Campo nasce como uma concepção voltada especificamente aos povos do campo, onde os mesmos lutam por melhores condições de existência social, além de seu espaço. Como meio de atender melhor às necessidades dos povos do campo, no que toca às questões de educação, temos também o Decreto Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, em seu Art. 1º, § 1º, entende por:

- I - populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural;
- II - escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela

situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo.

Nesse entendimento, mesmo sendo localizada nas cidades, muitas escolas são caracterizadas como escola do campo, por receber muitos alunos vindos da zona rural. Por isso, é importante que as escolas localizadas nas cidades que atendam crianças do campo, tenham um currículo que propicie uma discussão sobre as especificidades do campo. Embora os estudiosos da área orientem essa abordagem observamos que as escolas localizadas na cidade, que atendem alunos oriundos do campo, não possui um currículo que valorize a identidade das pessoas que vivem no campo. Nessa visão, a defesa de uma educação do campo se torna importante, pois, apresenta o campo como um lugar que reforça sua identidade, valorizando o trabalho e o lazer dos sujeitos do campo.

Entendemos que, ao perceber a valorização do modo de vida das pessoas do campo, as crianças sentem vontade de crescer profissionalmente e voltar para o campo, para poder contribuir para o desenvolvimento da sua comunidade. Quer seja no campo ou na cidade, a população campestre necessita de uma educação voltada para atender às suas necessidades, não só a garantia de matrícula na escola, mas, condições de permanência na escola, a apropriação do conhecimento para a participação social e o respeito às especificidades do sujeito, desencadeadas pelas suas peculiaridades culturais e sociais da vida no campo. Por isso, os sujeitos do campo têm se organizado, por meio dos movimentos sociais, para garantir o direito a uma educação do e no campo. Segundo Caldart (2002, p. 26):

[...] a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação, e a uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais.

Por esse motivo faz-se necessário uma educação do campo, pois não só se adapta à vida rural, mas é criada pelos sujeitos do campo, visando a uma educação que não reproduza no campo os conteúdos vivenciados nas escolas urbanas, conseqüentemente desqualificando o campo. Essas políticas educacionais visam um ensino de qualidade para a população do campo, que sofre com a falta de escolas no campo e tem que se deslocar para a cidade em busca de educação. Muitas vezes, esse deslocamento se dá de forma precária e em situações de risco como

transportes sucateados e estradas com má conservação. Este fato faz com que crianças, jovens e adultos esqueçam sua identidade, cultura e socializem-se ao meio urbano (ARROYO, 2007, p. 159). Por esses motivos a luta pela Educação do Campo é tão presente, pois busca um ensino voltado para os diversos povos que nele vivem, valorizando as suas culturas, sem distinção.

Para atender a essas demandas e para que a população do campo tenha uma educação básica de qualidade, surge, após muita luta o curso de Pedagogia do Campo, com intuito de formar professores para atuar nas escolas do e no campo. O mesmo só foi possível por meio do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO), o qual objetivava apoiar a Licenciatura Plena em Educação do Campo (LPEC). Inicialmente o curso de pedagogia em educação do campo foi implantado em sete universidades públicas brasileiras, as quais já possuíam alguma experiência com a formação para o campo. As universidades escolhidas pelo MEC para iniciarem o projeto piloto foram a UnB, UFBA, UFPA, UFCG, UFMG, UFS e UTFPR, conforme destaca Costa (2016).

Por sua vez, ao discutir sobre educação do campo, Saviani (2007) diz que:

Pedagogia do campo é uma expressão que se manifesta no contexto do movimento denominado educação básica do campo. Esse movimento visa a mobilizar os habitantes do meio rural para obter a implementação de políticas sociais voltadas não apenas para assegurar o direito à educação da população rural, mas também para a reflexão e elaboração teórica de princípios político-pedagógicos articulados às práticas educativas desenvolvidas no interior das lutas sociais levadas a efeito pelos povos do campo. [...] (SAVIANI, 2007, p. 172).

Inúmeros são os desafios encontrados para a efetivação de uma educação que pense as especificidades múltiplas que existem no espaço do campo brasileiro, e nesse contexto, temos a Educação do Campo que nasce junto às lutas sociais por políticas educacionais que atendam aos povos do campo. Uma educação que busca preservar suas raízes e resgatar sua cultura, a qual ao longo dos anos foi sendo esquecida ou deixada de lado, utilizando os currículos das escolas urbanas, o que se tornou comum em escolas do campo devido à falta de políticas públicas específicas para a educação no campo.

## 2.2 A contação de história e a literatura infantil

A contação de histórias está presente na vida de muitas crianças desde que elas nascem, pois, as mães têm o costume de contar histórias para que durmam, ou até mesmo como um momento de aproximação entre o adulto e a criança. Sabemos que contar histórias é um ato prazeroso tanto para quem conta quanto para quem ouve. O ato de contar histórias para crianças é de extrema importância durante a educação infantil, pois colabora para o desenvolvimento da linguagem, do raciocínio lógico da criança e da sua criticidade, “que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita” (FREIRE, 2011, p.19).

Ao ouvir histórias, as crianças iniciam um processo de construção de sua identidade e aprendem a lidar com as mudanças e transformações que ocorrem no nosso cotidiano e ao longo da vida. Já o ato de ler e contar histórias pode significar o desenvolvimento de muitas capacidades das crianças. De acordo com Abramovich (1993, p. 13):

E essa volúpia de ler, essa sensação única e totalizante que só a literatura provoca (em mim, pelo menos...), esse ir mexendo em tudo e formando meus critérios, meus gostos, meus autores de cabaceira, relendo os que me marcaram ou mexeram comigo dum jeito ou de outro (e até me decepcionando com a memória, que guardava algo melhor...), esse perceber que ler é um ato fluido, ininterrupto (mas onde tudo pode coexistir como numa improvisação jazzística), de encantamento e de necessidade vital, é algo que trago comigo desde muito, muito pequenina... E foi o que me tornou essa viciada total em ler que sou até hoje!.

Uma criança que ouve histórias desde o seu nascimento, tende a ter gosto pela leitura, mas, as crianças que têm o contato com histórias apenas na escola, também podem desenvolver esse gosto, basta serem instigadas de forma correta e serem incentivadas a ter esse hábito. Além das histórias existentes nos livros, todos nós ouvimos histórias todos os dias, sejam estas contadas na escola, na rua enquanto passeamos com os amigos, ou quando estamos juntos com a nossa família, está enraizado em nós o hábito de contar as coisas que nos acontecem, são esses momentos que nos aproximam dos nossos alunos/filhos e entes queridos.

Além da contação espontânea que acontece em vários momentos e que não se apoia nos livros, a narrativa de histórias também pode se valer dos livros de literatura infantil. Nesse sentido, a literatura infantil aqui abordada é um importante recurso no desenvolvimento da leitura, pois serve como estímulo para que os alunos

passem a ter gosto pela leitura e faz com que esse processo se torne prazeroso. De acordo com Abramovich (1993, p.16), o ato de contar histórias para crianças se faz importante para sua formação, pois, “[...] Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”.

Através da contação de histórias, o professor instiga a curiosidade e o imaginário das crianças, trabalha valores humanos e diversas áreas do conhecimento na sala de aula. Essa mediação aproxima os alunos da leitura, pois possibilita diversão quando a história é engraçada, imaginação, quando os fatos remetem a mundos imaginários e a descobertas etc. Há ainda histórias que trazem ensinamentos para a vida, pois numa simples história as crianças conseguem vivenciar o que estão ouvindo através dos detalhes destacados, como se estivessem dentro da mesma.

Segundo Cavalcante (2018, p. 10), a mediação da leitura “é um ato de comunicação com o outro ou consigo mesmo, daí a necessidade de se ler criticamente para o exercício da cidadania”. A mediação da leitura é feita com uma intenção, as histórias não devem ser contadas aleatoriamente, para este feito se faz necessário uma observação da turma para entender quais histórias se adequam a realidade das crianças, para que a partir dessas leituras, elas consigam se identificar com a história, aprender novas palavras, se encantar com os personagens ou cair na gargalhada com aquele menino sapeca.

O mediador da leitura deve estar bem preparado e em harmonia com a história a ser contada para despertar a curiosidade e o prazer nas crianças, assim como afirma Abramovich (1993, p. 18):

Para contar uma história - seja ela qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... E tão linda!!!

É a forma como a história nos é contada que nos transporta para outro mundo, que nos deixa totalmente apaixonados pela leitura. Se o professor não gosta ou não tem habilidade com a contação, esse momento tão especial perde a magia e o sentido. Mesmo quando não há esse dom da contação de histórias, o professor

pode seguir alguns passos básicos que o ajudará nesse momento. Para orientar o professor no processo de mediação da leitura por meio da contação de histórias Cavalcanti (2002) propõe alguns passos básicos para realizar a contação de histórias, tanto com livro quanto sem o livro.

#### Quadro 1- Passos básicos para contar história com e sem livro

CONTAR HISTÓRIAS COM O LIVRO	CONTAR HISTÓRIAS SEM O LIVRO
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conhecer o texto com profundidade</li> <li>2. Sensibilizar o grupo para o momento da escuta</li> <li>3. Criar “ambiência”, convidando para entrar no mundo do “faz de conta”</li> <li>4. Depois de estabelecida a confiança e intimidade, iniciar a contação</li> <li>5. A história não é pretexto, ela é o texto</li> <li>6. O livro deve ser apresentado ao grupo. Dizer o título, autor; editora. Mostrar a capa</li> <li>7. Segurar o livro aberto, sobre as mãos, com cuidado e carinho, denotando respeito (relação com o universo sagrado da palavra)</li> <li>8. Ler; pausadamente, mas demonstrando intimidade com o texto e entusiasmo com a leitura</li> <li>9. Pontuar corretamente, prestando atenção no tom, ritmo e volume</li> <li>10. Evitar gestos e expressões faciais exagerados, como recurso de narração. Pois, quando se lê a história, a carga de tensão deve estar contida na própria relação das palavras, frases</li> <li>11. A voz deve ser bem impostada, mas nunca “dramatizada” com exageros</li> <li>12. A cada página virada, deve-se mostrar aos ouvintes as imagens (ilustrações/desenhos/palavras)</li> <li>13. Relacionar o dito oral com o dito escrito</li> <li>14. Durante a leitura, procurar não interromper a narrativa</li> <li>15. Ler com entusiasmo e atenção, mas não esquecer que a leitura está sendo realizada para outros, portanto é necessário que, entre um parágrafo e outro, o contador dirija seu olhar para o grupo, perceba o movimento, o nível de tensão, e atenção. Que seja um momento compartilhado</li> <li>16. Ficar sensível às reações dos ouvintes. No final, fechar o livro com respeito e permitir que os ouvintes expressem seus sentimentos com relação aos diversos aspectos do texto</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conhecer o texto com profundidade</li> <li>2. Sensibilizar o grupo para o momento da escuta</li> <li>3. Criar “ambiência”, convidando para entrar no “mundo do faz de conta”</li> <li>4. Depois de estabelecida a confiança e intimidade, iniciar a contação</li> <li>5. A história nunca é pretexto, é o texto</li> <li>6. A voz deve ser bem impostada</li> <li>7. Procurar teatralizar por meio da voz (ritmo, timbre, pausas, sonoridade)</li> <li>8. Teatralizar por meio de movimentos (mãos, faces)</li> <li>9. Os movimentos devem ter intensidade, mas nunca impulsos exageradamente agressivos</li> <li>10. Usar a criatividade para dar “vida” às personagens. Ser absolutamente espontâneo</li> <li>11. Prestar atenção nas expressões dos ouvintes, criando sinergia com o grupo</li> <li>12. Ir adaptando a “interpretação do texto” de acordo com o que se percebe no grupo Exemplo: se, nas partes mais tensas da história, os ouvintes apresentarem expressões muito angustiadas, então o contador deve aliviar o nível de tensão, sem perder o nível de intensidade</li> <li>13. Não se perder no texto, “inventando” situações que não pertencem à história</li> <li>14. Agir com naturalidade e repassar emoção são fatores de sucesso no momento da contação</li> <li>15. O contador de histórias é alguém que deve ter capacidade de interpretação, como também de provocar o imaginário do ouvinte. É portanto um “ator”. Alguém capaz de usar a <i>persona</i> sem perder o contato, o olhar, a ternura, o encanto próprio ao fabulador</li> <li>16. Ao final da narração utilizar-se da tradição popular que em geral conclui as narrativas, como: “Entrou por uma perna de pinto, saiu por uma perna de pato, seu rei mandou dizer que você contasse quatro...” ou “na ladeira escorrega...”</li> </ol>

Fonte: Cavalcanti (2002, p. 73)

Conforme visto no quadro 1, tanto na história contada com o apoio do livro ou sem o livro, o contador deve ter intimidade com o enredo e ter alguns cuidados para que as crianças voltem a sua atenção ao que está sendo contado. A autora traz em seu livro esses passos básicos que são fundamentais no momento da contação de

histórias, detalhes que fazem toda a diferença no ato de contar. O item 7 da coluna contar história com o livro traz o seguinte: Segurar o livro aberto, sobre as mãos, com cuidado e carinho, denotando respeito (relação com o universo sagrado da palavra), o mesmo item da coluna contar histórias sem o livro vai trazer: Procurar teatralizar por meio da voz (ritmo, timbre, pausas, sonoridade).

Cavalcanti nos traz essas duas formas de contação para demonstrar a importância e o encanto que há em cada uma delas, onde devemos demonstrar para as crianças todo o cuidado com o livro, pois nele está contido o mundo mágico que iremos conhecer, dando ênfase aos elementos contidos na capa e as ilustrações presentes no mesmo, sempre mostrando estar familiarizado com a história. Quando se é contada a história sem o livro a voz tem o papel principal, então o contador deve explorá-la de acordo com as necessidades da história que está sendo contada.

Ao contar história com o livro o professor pode demonstrar gestos de leitura que ajudam a criança a ler, tendo o comportamento do leitor. Aspectos simples como: segurar o livro, passar as páginas, movimentar os olhos pela página, fazer pausas e folhear as páginas cuidadosamente, ajudam a criança a construir o seu modo de ler. Isto porque ao perceber o comportamento do professor durante a leitura, a criança consegue imitar, tornando-se também leitora.

### **2.3 Caminhos da literatura infantil**

Quando se fala em literatura infantil, esta refere-se a uma literatura voltada para as crianças e jovens. E ao fazer uma retrospectiva pode-se observar que antigamente as crianças não tinham infância, eram tidas como adultos mirins e a sua educação era de responsabilidade da mãe, quando começavam a andar, já eram colocadas para trabalhar e participavam de todas as atividades com os adultos sem distinção, a única coisa que os diferenciava dos adultos era sua força e o tamanho. Como afirma Ariès (1981, p. 3):

“[...] A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje”.

Na sociedade medieval não existia a valorização da família e a criança tinha que trabalhar logo cedo, não havendo cuidados com as crianças. A criança não era respeitada em sua especificidade e podiam participar das atividades e afazeres dos adultos. Não tinha, portanto, cuidados e atenção especial por parte dos adultos. Praticamente a infância não era reconhecida como fase importante para o desenvolvimento do ser humano.

Na Idade Moderna, com a ascensão da família burguesa, surge o pedagogo, porém, apenas para dar apoio às crianças nobres. A partir desse momento histórico as crianças passam a ter direitos e a sua infância preservada. Somente no século XVII, quando a criança passa a ser diferenciada dos adultos, a partir desse avanço, fez-se necessário a separação das mesmas do mundo dos adultos para que recebessem uma educação de acordo com as suas necessidades.

Segundo Ariès (1981, p. 9):

[...] Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar. Em seguida, as idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria: festas, passeios de rapazes e moças, corte de amor, as bodas ou a caçada do mês de maio dos calendários. Em seguida, as idades da guerra e da cavalaria: um homem armado. Finalmente, as idades sedentárias dos homens da lei, da ciência ou do estudo: o velho sábio barbudo vestido segundo a moda antiga, diante de sua escrivaninha, perto da lareira.

A partir desse momento, os adultos percebem que as crianças são diferentes dos adultos, pois são mais frágeis e vivem o mundo de forma diferente. Com essa compreensão se fez necessário um tratamento diferente, que atendesse às necessidades das crianças. Nesse momento surge a literatura infantil, em meados do século XVIII, com Fenélon (1651-1715), tendo como função educar moralmente as crianças. Vale ressaltar que as histórias e os contos sempre existiram, no entanto, com o surgimento da literatura infantil os mesmos sofreram adaptações para se adequar ao público infantil. Sobre este fato Silva (2009, p. 137), relata que “os contos de fadas conhecidos atualmente surgiram na França, ao final do século XVII, com Perrault, que editou as narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, retirando passagens obscenas de conteúdo incestuoso e de canibalismo”.

O surgimento da literatura infantil no Brasil ocorreu do final do século XIX para o início do século XX, surgindo a partir das mudanças na sociedade brasileira, entre

estas o crescimento da população urbana. Para que essa população tivesse acesso à leitura, a primeira alternativa foi traduzir clássicos europeus, tanto para crianças quanto para jovens e adultos. Como afirma Sandroni (1998, p. 11):

“[...] até fins do século XIX a literatura destinada a crianças e a jovens que se encontravam no mercado – acessível apenas à elite brasileira era toda importada, constituindo-se principalmente às traduções feitas em Portugal. Não havia aqui editoras e os autores brasileiros tinham seus textos impressos na Europa”.

Como podemos observar, os livros de literatura voltados para as crianças que existiam no Brasil eram traduções e não relatavam a realidade da nossa sociedade. Embora existissem livros para crianças no Brasil, eles não tinham as características de uma literatura infantil, voltada para crianças, visto que apresentavam cunho essencialmente moralista. Por isso, Monteiro Lobato é considerado o precursor da literatura infantil brasileira, com suas publicações destinadas a crianças e jovens, mesclando personagens do mundo real com seres oriundos da cultura popular e do folclore, além da possibilidade dos personagens se deslocarem para outra realidade. Conforme destaca Sandroni (1998, p. 13):

Com a publicação de ‘A menina do nariz arrebitado’, em 1921, José Bento Monteiro Lobato inaugura o que se convencionou chamar de fase literária da produção brasileira destinada a crianças e a jovens. Como veremos sua obra foi um salto qualitativo comparada aos autores que precederam, já que é quase toda permeada do ânimo de debates sobre temas públicos contemporâneos ou históricos, que problematiza de modo a ser compreendido por crianças e expressa em linguagem original e criativa, na qual sobressai a busca do coloquial brasileiro antecipatória do Modernismo.

Com as fabulosas publicações de Lobato, as crianças e jovens têm acesso a uma literatura de qualidade, onde elas podem encontrar personagens da cultura brasileira que refletem nos problemas encontrados na nossa sociedade, bem como a valorização dos laços familiares/amizade e da nossa cultura.

#### **2.4 A contação e a leitura de histórias: em busca do desenvolvimento da competência leitora**

A busca da imersão das crianças no mundo do faz-de-conta se dá a partir da magia ao se ouvir o famoso “Era uma vez...”, ao ouvir essas palavras as crianças

começam a imaginar e a ter curiosidade sobre as histórias que irão ouvir. Mesmo as novas gerações sendo tão ligadas à tecnologia, ainda assim mostram-se interessados e curiosos para ouvir as histórias cheias de fantasia e encanto. Por esse motivo faz-se necessário que as crianças sejam motivadas a ler. Para Bamberger (2008, p. 32):

Os interesses e motivações do indivíduo refletem-se em seu modo de vida total. Muitas vezes o que uma criança aprende ou deixa de aprender na escola depende mais dos seus interesses do que da sua inteligência. Isso se evidencia não só no bom rendimento que a criança apresenta em seus assuntos favoritos, mas também na escolha que ela faz de suas atividades nos momentos de lazer.

Os professores devem ter sensibilidade ao inserir um conteúdo para as crianças e jovens, escolhendo as leituras a partir da realidade dessas crianças, pois naquele momento pode não ser tão interessante para a criança e ela não se abra para o aprendizado. O incentivo à leitura é hoje um dos principais desafios da educação, pois é esperado da escola que se formem leitores, buscando incentivar o gosto e o valor da leitura, mesmo quando não há o incentivo desse hábito em casa. Ao ler e contar histórias para as crianças é importante escolher textos e livros que sejam significativos e do interesse desse público. Nesse sentido, as leituras devem ser apresentadas de acordo com a idade, para que não infantilizem os jovens e não seja de difícil compreensão para as crianças.

Como afirma Bamberger (2008, p.33) “[...] cada professor deve fazer suas próprias observações e investigações, a fim de distinguir os desvios individuais de certos estudantes dos interesses “médios” de leitura de uma fase de desenvolvimento”. Cada idade tem suas particularidades e as crianças vão se sentir interessadas por um determinado tipo de livro, iniciando pelos livros de gravuras e de histórias mais curtas até romance, biografias etc. Incentivar a prática da leitura não é só função da escola, os pais também devem incentivar seus filhos.

Como dito anteriormente, muitas crianças são incentivadas a ler desde muito pequenas, pois os pais contam-lhes histórias desde quando estavam no ventre da mãe. Sendo os pais exemplos de leitores em casa, as crianças e jovens se familiarizam com a leitura e como consequência gostam de ler. Bamberger (2008, p.10), “[...] A leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade”. O autor identifica a leitura como um processo

mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto. É também uma forma exemplar de aprendizagem.

Na fase em que estão descobrindo o mundo é fundamental que os adultos, pais, parentes ou professores sejam motivadores para a formação de hábitos de leitura, ampliando os interesses da criança, proporcionando o prazer de ler e formando hábitos que a ajudem a buscar diferentes leituras. Freire (2011, p.9), destaca que as experiências da criança no seu contexto social devem ser consideradas ao trabalhar a leitura na sala de aula ao afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura”.

Sabe-se que, por meio da leitura, o ser humano se transporta para o mundo imaginário, usando a imaginação e as emoções para lhe dar sentido. A leitura é fundamental para que haja aprendizado nas diversas áreas do conhecimento. A tarefa de despertar leitores é de responsabilidade de todos os educadores, uma vez que entendemos que a leitura é uma ferramenta significativa no processo de aprender a aprender. Muitos autores defendem que para formar o leitor é importante contar histórias para as crianças desde cedo. Sisto (2004) afirma que contar histórias é:

[...] Uma atividade tão “antiga” quanto o homem, certamente traz consigo toda uma tradição. Não como uma forma fixa, mas como um legado, que é acionado, cada vez que alguém começa a contar. E que se renova a cada história contada.

O ato de contar histórias é de fundamental importância para a formação da criança leitora. É a partir desse contato que as crianças passam a ter curiosidade sobre o que está escrito no livro e começam a sentir vontade de ler aquele emaranhado de letrinhas que trazem histórias tão maravilhosas. Cavalcante (2018) afirma que “O leitor se constrói ao longo da vida. Para tal, é necessário que se desenvolvam práticas leitoras educativas, críticas literárias e poéticas que tragam as memórias afetivas e que os indivíduos se reconheçam nessas leituras, evocando liberdade e autonomia”. Os professores devem ser conscientes do seu papel na formação de leitores e que possam garantir uma leitura crítica, levando as crianças a refletir sobre os elementos encontrados no texto.

### **3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: entre o deleite e a aquisição da leitura**

A importância do ato de ler, eu me senti levado – e até gostosamente – a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo.  
Paulo Freire

Neste capítulo apresenta-se a análise das práticas pedagógicas destinadas ao trabalho com a literatura infantil, desenvolvidas na turma do terceiro ano do ensino fundamental. A análise apoiou-se nos dados coletados por meio da entrevista com a professora e das observações das práticas de leitura realizadas pela docente. Durante a análise, dialoga-se com importantes teóricos que discutem a leitura sob diferentes perspectivas, como: Abramovich (1993), Cavalcanti (2002), Bamberger (2008), Vargas (2000), e Zilberman (2008).

#### **3.1 Práticas pedagógicas com a literatura infantil**

Partindo do princípio de que a escola é o local que amplia a capacidade leitora do indivíduo, pode ser considerada a responsável pela formação do leitor, na medida em que ajuda a desenvolver o senso crítico do aluno e as habilidades de comunicação e expressão necessárias para a vida social.

Embora a escola seja reconhecida pelo desenvolvimento dessas habilidades, alguns professores não constroem espaços de leitura dentro das salas de aula, que possibilitem a aproximação das crianças com a literatura infantil, como fonte de prazer. Outros, não permitem o contato da criança com os livros, por medo que elas os rasguem ou danifiquem o que acaba não permitindo que as crianças desenvolvam o hábito de ler.

Acredito que a leitura literária favorece o desenvolvimento do imaginário das crianças, através da leitura do seu texto verbal e imagético, que ampliam as possibilidades e descobertas oferecidas pelo livro, como suporte lúdico, atrativo e criativo e como produção responsável pela educação estética do estudante.

### 3.2 História da escola

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Pascoal Carrazzoni, localizada no município de Itambé-PE, fundada no ano de 1996. A escola recebeu este nome em homenagem ao prefeito da cidade naquele ano, o Sr. Pascoal Carrazzoni. Esta instituição atende 423 alunos, do 1º ao 5º ano do ensino fundamental e EJA, funcionando nos turnos manhã, tarde e noite, tendo atividades complementares, como: apoio escolar em letramento, alfabetização e matemática. A Escola Pascoal Carrazzoni atende alunos com um perfil socioeconômico diversificado, pois parte dos estudantes atendidos são de família de renda mínima, que dependem do Programa Bolsa Família.

Em relação à estrutura, a escola comporta sete salas de aula, banheiros, pátio, ambientes para o funcionamento da gestão e de professores, além de outros espaços como: cozinha, despensa e depósito de materiais, além de um pequeno espaço improvisado para realização de leitura, pois a instituição não possui biblioteca.

Figura 1: Sala de leitura



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Sobre o quadro de funcionários, a escola conta com 1 gestor, 1 coordenador pedagógico (frequenta a escola 2 vezes por semana, pois atende outras escolas do município), 3 supervisores, 2 secretárias e 2 auxiliares administrativos, 13 professores, 2 merendeiras e 2 vigilantes. Dentre os objetivos da escola, destacam-se os seguintes: Integrar elementos da vida social aos conteúdos trabalhados; Desenvolver no educando o interesse pela leitura e escrita; Contribuir para a construção do desenvolvimento cognitivo, efetivo e social do aluno e trabalhar

valores morais, culturais e físicos. Após esta breve caracterização do local onde foi realizada a pesquisa, apresentamos os dados da entrevista realizada com a professora colaboradora.

### **3.3 Dados da entrevista**

A entrevista foi realizada no dia 29 de julho de 2019, às 10:30h e durou aproximadamente 1 hora. A data e o horário da entrevista foram combinados anteriormente, de acordo com a disponibilidade da colaboradora da pesquisa, sendo realizada na própria escola, após o seu expediente.

A colaboradora desta pesquisa é professora há 8 anos. Atua na Escola Municipal Pascoal Carrazonni, como docente, no 3º ano do Ensino Fundamental há 3 anos. Tem 27 anos de idade, é licenciada no curso de Pedagogia, na Universidade Vale do Acaraú e Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional pelo Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa (CINTEP). Também trabalha em uma escola da rede privada de ensino. Informou que participa de cursos de capacitação e oficinas oferecidas pela prefeitura municipal, além de cursos online nos quais se inscreve para atualizar-se.

As perguntas foram pensadas com antecedência, mas durante a entrevista foram surgindo outras, à medida que conversávamos. Por isso, algumas questões que tinham sido elaboradas foram excluídas por já terem sido respondidas pela colaboradora. A seguir, apresento os dados da entrevista realizada com esta colaboradora, trazendo informações que nos ajudaram a realizar o estudo proposto nesta pesquisa.

Partindo do objetivo desta pesquisa e inquietações a respeito desta temática, questionei a colaboradora se a mesma conta histórias para as crianças. A resposta dada foi a seguinte:

Sim, conto as histórias presentes nos livros e também crio historinhas para se adequar a uma situação que esteja ocorrendo na sala ou a um conteúdo.

Podemos observar nesta fala, que a professora conta diversas histórias da literatura para os seus alunos, como também cria histórias partindo de acontecimentos do cotidiano, levando para a sala de aula situações que as crianças têm dificuldade de compreender.

Para a professora, essa forma de trabalhar as histórias faz com que as crianças entendam melhor, por meio de uma linguagem compreensível para sua idade. Deste modo, a prática da professora possibilita às crianças descobrir o imenso mundo de impasses, conflitos e medos a que são expostas diariamente, mas que torna-se incompreensível, por diversos fatores, o entendimento pelas crianças. Neste caso, a colaboradora cria histórias a partir de acontecimentos para que possa “esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas...” conforme destaca Abramovich (1993, p.17).

No entanto, é importante que o professor também escolha histórias que favoreçam a imaginação, sem se preocupar com os problemas, apenas com o intuito de alegrar, encantar e fazer com que a criança embarque no mundo do imaginário, para que a criança apenas sorria e dê gargalhadas com os personagens, com o desfecho da história e até mesmo do jeito de escrever do autor, proporcionando um momento de humor, de brincadeira e divertimento (ABRAMOVICH, 1993).

Dando continuidade à pergunta anterior, a professora foi questionada sobre seus objetivos para contar histórias para seus alunos, sua resposta foi a seguinte:

Com intuito de levar as crianças a pensarem criticamente, separando a realidade da fantasia. Acredito que através dos ensinamentos encontrados nas histórias eles podem mudar o seu comportamento e repensar as suas atitudes.

A professora acredita que as histórias de literatura infantil sempre trazem uma lição ao final, e por isso, servem de exemplos para que as crianças se espelhem e distingam o faz de conta da realidade em que vivem. Acreditamos que é preciso ter atenção a esse aspecto destacado pela professora, porque podemos estar restringindo a função da literatura, colocando-a como moralista. Abramovich (1993, p. 143), ao discutir essa temática afirma que as histórias da literatura infantil desenvolvem a criticidade da criança, pois ao ler uma história a criança também desenvolve um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião...”. Porém, a literatura infantil além de ter esse potencial, desperta o prazer de ler, encanta e é uma produção que permite as descobertas e que precisa ser explorado, tornando-se fundamental “realçar toda forma de expressão que tem como objetivo ampliar a visão de mundo da criança” como afirma Cavalcanti (2002, p. 11).

As perguntas seguintes tiveram como objetivo conhecer como a professora utiliza a contação de histórias para seus alunos, em sua aula. Diante disto, fiz a seguinte pergunta para a colaboradora: Quais aspectos a contação de histórias ajudam a desenvolver na criança? A colaboradora respondeu da seguinte forma:

Além de despertar o gosto pela leitura, ajuda a desenvolver a escrita, a dar asas a imaginação e ensina valores para a vida, auxilia na emancipação.

Podemos observar que a colaboradora identifica alguns aspectos sobre o uso da literatura infantil, como o gosto pela leitura. Outro aspecto a se destacar em sua fala é o reforço da ideia de que as histórias de literatura infantil sempre trazem uma lição de moral, quando a mesma diz que “*ensina valores para a vida*”. Essa afirmativa da professora reforça a ideia de que as histórias escolhidas para serem contadas na sala de aula trazem fatos que ocorreram e podem ajudar a criança a compreender o problema, tendo feito a leitura da sua resolução através de trechos das histórias. Bamberger (2008, p. 99), reitera essa ideia quando diz que “[...] a leitura é talvez o melhor meio de impedir o perigoso raciocínio “preto-e-branco” (o bem contra o mal) e de contrabalançar os instrumentos de persuasão e manipulação subconscientes”, pois por meio desta, podemos compreender determinado fato ou acontecimento sem tirarmos conclusões antes de seu fim, e não se deixar levar apenas pela aparência, mas conhecer a história em seu todo.

Nesse sentido, entendemos que a leitura literária deve ser provocativa, prazerosa e estimulante, tanto para a criatividade quanto para a imaginação dos alunos. Abramovich (1993, p. 14) ao comentar a importância da leitura, afirma a partir de suas experiências que ler “sempre significou abrir todas as portas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira...”, pois é a partir do desenvolvimento do gosto pela leitura que a criança pode entender e aprender muito sobre a vida de um modo simples e prazeroso, pois as narrativas, os personagens, as imagens ajudam a compreensão, o que torna a leitura um momento de descoberta e aprendizagem.

Em seguida questionei a professora sobre quais materiais utiliza para contar histórias. Sobre isso ela deu a seguinte resposta:



Figura 3: Sacola de leitura



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Este momento de incentivo à leitura é realizado pela mãe ou pelo pai, onde os mesmos “poderão compreender melhor os próprios filhos e a significação dos livros para o seu desenvolvimento”, como afirma Bamberger (2008, p. 71). A estratégia utilizada reforça a ideia levantada por Vargas (2000, p. 6), de que ler “significa colher conhecimentos e o conhecimento é sempre um ato criador”.

Em relação ao desenvolvimento das aulas, questionei a professora sobre como ela utiliza a literatura infantil. A resposta dada foi a seguinte:

Sim, utilizo todos os dias. Para mim é muito nova essa ideia de trabalhar com literatura infantil, pois também trabalho na rede particular e lá não é exigido o trabalho com livros, temos que dar conta dos conteúdos do livro didático. Na escola pública é o oposto, utilizamos pouco o livro didático. Criamos nossos planos de aula baseados em histórias, que na maioria das vezes são escolhidas por nós professores.

Em sua fala, a colaboradora destaca a grande diferença entre as redes de ensino pública e privada. Esta última foca especificamente em dar conta dos conteúdos seguindo estritamente o livro didático. Na rede pública, a professora disse que utiliza metodologias para atender as demandas dos conteúdos programados para cada ano de ensino, sem se preocupar com a utilização rigorosa e exclusiva do livro didático. Segundo a professora, na escola pública ela tem mais liberdade para utilizar diversos materiais.

Ao perceber que a professora utiliza diversos recursos para contar as histórias, pergunto: Que critérios utiliza para escolher os livros/histórias para trabalhar na sala de aula? Sua resposta foi a seguinte:

Os livros são escolhidos a partir do conteúdo que iremos vivenciar na sala durante a semana. Sempre busco trabalhar com todas as disciplinas, então procuro livros que se adequem ao meu planejamento, mas sempre acabo me adequando a eles.

Partindo de planejamento, observamos que a escolha dos livros não é aleatória muito menos feita em sala de aula pelos alunos. Trata-se de uma escolha baseada nos conteúdos e planos de aula realizados pela escola junto aos professores. Também observamos que, muitas vezes a professora procura adaptar as aulas para que estejam de acordo com o conteúdo estabelecido pela escola.

Diante disso, escolhe as histórias de acordo com a idade de seus alunos. Sobre esse tema Bamberger (2008, p. 65) afirma que “utilizar o material de leitura de acordo com a proposta do currículo, acaba não sendo uma boa estratégia para se conquistar os pequenos e novos leitores”. A respeito dos critérios utilizados para a escolha dos livros, mencionados no início deste questionamento, Abramovich (1993, p.20), ressalta que “[...] estes podem ser levados em conta pelo narrador, pelo conhecimento das crianças, pelos momentos em que vivem, por fatos do cotidiano e pela forma que irá se aproveitar o texto”.

Como última pergunta, questiono a professora se após a leitura de histórias ela realiza alguma atividade com as crianças. Como a resposta foi positiva, questiono como a atividade é desenvolvida. Sua resposta foi a seguinte:

Sim, as histórias nunca são contadas aleatoriamente, são contadas sempre com um propósito. Por esse motivo, estão sempre associadas a atividades que são vivenciadas na sala e com o intuito de promover valores para a vida.

Podemos observar que toda leitura realizada em sala de aula pela professora tem um propósito. As histórias além de apoiarem as atividades em sala que servirá para a aprendizagem dos alunos, elas também dão ensinamentos. Para tanto, alega que esta atividade possui um intuito, “*promover valores para a vida*”, enfatizando mais uma vez a ideia de lição de moral que as histórias deixam em suas entrelinhas. Para a professora, a leitura literária é capaz de fazer com que o leitor identifique em suas entrelinhas mensagens que podem ser interpretadas e utilizadas nas situações que vivenciam no dia a dia, como exemplos a serem seguidos.

Diante do exposto, observa-se a tentativa de despertar o gosto pela leitura nos alunos, bem como a ideia da professora sobre as histórias e seu cunho

moralista. No entanto, nem toda história tem como objetivo ensinar moralmente uma criança, mas sim, fazer com que a mesma desperte a imaginação, divirta-se e dê muitas gargalhadas. Por isso, as histórias nem sempre precisam estar de acordo com a idade dos alunos. Se elas não estiverem, cabe ao professor adaptá-las de uma forma simples e criativa. Desse modo, consideramos que a leitura é uma ferramenta de suma importância para a formação crítica e social dos nossos alunos.

### 3.4 Dados da observação

As observações desta pesquisa foram realizadas entre os dias 08 de julho e 13 de setembro deste mesmo ano, na turma do 3º ano da Escola Pascoal Carrazzoni. As observações foram realizadas durante as aulas de língua portuguesa, nas propostas relativas ao eixo leitura.

A seguir, apresentamos o quadro, demonstrando as observações realizadas, constando a data, a atividade realizada pela docente e o local.

#### Quadro 2 - Observações

<b>Datas</b>	<b>Atividade Realizada</b>	<b>Local</b>
08/07/19	Teatro “A pílula falante”	Auditório da biblioteca municipal
13/08/19	Leitura de Parlendas	Sala de Aula
16/08/19	Contação de histórias/lendas	Sala de Aula
21/08/19	Contação de histórias	Sala de Aula
06/09/19	Criação de desenhos a partir de textos, apresentação e exposição	Sala de aula/Pátio da escola
12/09/19	Leitura de livros de literatura infantil	Sala de aula
13/09/19	Concurso ler bem	Pátio da escola

A primeira observação, no dia 08 de julho de 2019, foi realizada no auditório da biblioteca municipal. A convite do gestor da escola, acompanhei a turma em uma peça feita para os alunos de todas as escolas do município. Esta apresentação seria o ponto inicial para o projeto “Resgatando a Leitura e a Escrita”, que seria desenvolvido no segundo semestre.

As crianças mostraram-se muito animadas ao assistir a peça de teatro. O momento despertou a atenção dos alunos, pois os atores usavam roupas coloridas, de acordo com os personagens do “Sítio do Pica Pau Amarelo”.

Figura 4: Teatro do Sítio do Pica-Pau Amarelo



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Este momento propiciou às crianças um mergulho no faz de conta ou no famoso “era uma vez”. Ao assistir a dramatização de uma história de Monteiro Lobato, percebemos que a turma pôde embarcar nesta viagem, perdendo a noção do tempo presente. Por breves momentos, puderam se encontrar no passado, sentindo-se dentro da história, ou até mesmo imaginando-se vivendo naquele tempo, com aqueles personagens... A história é um convite à imaginação, conforme destaca Cavalcanti (2002).

No dia 13 de agosto de 2019, realizei a primeira observação em sala de aula, que teve como objetivo acompanhar o desenvolvimento da aula de leitura do 3º ano. Nesse dia, a professora começou algumas atividades referentes ao folclore, trabalhando o gênero textual parlenda, destacando a parlenda do Jacaré. A sala estava dividida entre meninos e meninas, organizados em fileiras. A professora destacou a palavra jacaré, e foram trabalhadas as letras presentes nessa palavra e outras palavras iniciadas pela sílaba JA.

No momento de ouvir as parlendas os alunos prestaram atenção, houve até alguns alunos que quiseram falar as parlendas que conheciam, sendo uma atividade mais oral que escrita, por tratar-se de um gênero da oralidade. Através da exploração da parlenda, de forma oral podemos expressar nossas memórias, havendo uma aproximação entre palavras, falantes e ouvintes (ZILBERMAN, 2008, p. 171).

A professora utilizou a leitura da parlenda para trabalhar a escrita e os sons das palavras. No entanto, pude observar que não houve um diálogo sobre as parlendas faladas, nem a explicação desse termo para que as crianças

compreendessem o significado e pudessem entender que esse gênero faz parte da nossa cultura.

A segunda observação foi realizada no dia 16 de agosto. Nesse dia, a professora utilizou um livro para contar a lenda do Saci Pererê. Inicialmente, a professora mostrou a capa para as crianças, pedindo que os alunos fizessem a leitura dos elementos da capa, mostrando as figuras presentes em cada página. Após esse momento, escreveu a palavra “saci” no quadro e pediu que as crianças individualmente montassem a palavra saci com o alfabeto móvel. Fez colagem de uma ficha de leitura no caderno e, em seguida foi feita a leitura das palavras presentes na atividade.

Segundo a professora, ela organiza a ficha de leitura de acordo com as consoantes já estudadas.

A leitura da lenda foi feita de forma simples, sem focar na entonação, no ritmo, sem passar para as crianças no decorrer da história como o Saci é travesso e como tudo fica de pernas para o ar quando ele passa. A leitura que poderia ser divertida foi feita sem nenhuma entonação ou ritmo. A voz da professora não ajudou a dar sentido e vida ao texto e a chamar a atenção das crianças para o sentido da história. É importante ressaltar que a exploração da oralidade muito importante nesse contexto e não tem como objetivo deixar a escrita em segundo plano. Mas a exploração da oralidade, principalmente ao trabalhar com gêneros que tem origem na cultura popular ajuda a enriquecer a compreensão e o trabalho com os eixos leitura e oralidade (CAVALCANTI, 2002, p.32).

Mesmo tendo a intenção de trabalhar a leitura e a escrita da palavra, entendemos que a professora poderia ter focado em fazer uma leitura que despertasse a imaginação das crianças, que os levasse a “ver” as peraltices do Saci.

No dia 21 de agosto de 2019, a professora contou novamente outra história utilizando o livro. Como de costume apresentou o livro e pediu que as crianças fizessem a leitura da capa. Logo após iniciou a contação. Após a leitura fez alguns questionamentos a respeito da história. Nesse mesmo dia, ela pediu que algumas crianças contassem as histórias que haviam levado para casa (na Sacola de Leitura), fazendo com que as crianças despertassem o prazer e reconhecessem a importância da leitura na sua vida e de cada pessoa (CAVALCANTI, 2002, p. 85). Algumas crianças contaram espontaneamente e com muita facilidade a história,

outras não se sentiram muito à vontade nesse momento. Acredito que podiam estar envergonhadas com a minha presença na sala.

Figura 5: Leitura pelas crianças



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Um fator que merece destaque, é que a grande maioria das crianças na sala não participa dessas atividades, e a professora não busca interagir nem incluir essas crianças de alguma forma para que as mesmas participem. Embora as crianças sejam levadas a ler as histórias tanto em casa quanto na escola, elas não têm prazer em realizar essa atividade, não sentem-se à vontade para responder aos questionamentos e poucos contam as histórias que leram durante o fim de semana. A professora por sua vez, não procura entender os motivos pelos quais os alunos não participam.

No dia 06 de setembro, a professora leu uma poesia falando sobre a sala de aula e o espaço escolar. A leitura da poesia foi feita pela professora de forma ritmada. Em seguida, pediu às crianças que repetissem os versos para que percebessem as rimas. Após essa atividade, a professora destacou algumas palavras para que eles dissessem outras palavras que rimassem com a que foi ditada. A partir dessa leitura foi feito um passeio pela escola para conhecer os espaços e caracterizá-los. Após esse momento as crianças voltaram para a sala para fazer um desenho do espaço que elas mais gostam na escola. No segundo momento, divididos por turmas, as crianças foram levadas ao pátio da escola para que apresentassem os conteúdos vivenciados em sala de aula durante a semana.

Figura 6: Apresentação dos alunos



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

No dia 12 de setembro, a professora iniciou a aula questionando os alunos sobre quais os livros que eles mais gostaram de ler. As crianças responderam ao questionamento falando um pouco sobre suas experiências com a leitura, suas conquistas e dificuldades. Foram distribuídos livros para que as crianças pudessem folhear e observar as imagens contidas nos mesmos. Após esse momento, a professora foi chamando um aluno por vez, para ir à frente da sala para que pudessem apresentar o livro para os colegas. As crianças gostaram bastante desse momento, pois puderam folhear os livros e mostrar alguma imagem dele para os colegas. Quando a professora pediu que fizessem a leitura, a maioria das crianças conseguiu ler a história, às vezes com um pouco de dificuldade, mas outras só conseguiram fazer a leitura das imagens.

No dia 13 de setembro, as crianças foram levadas ao pátio, novamente, juntamente com outras crianças dos anos iniciais de ensino, para receberem um singelo prêmio por seu desenvolvimento na leitura.

Figura 7: Prêmio pela leitura



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Nesse momento os alunos que desenvolveram uma leitura fluente, fizeram a leitura de um livro de sua escolha para todos os colegas.

Figura 8: Leitura pelos alunos



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Segundo a professora, esse concurso teve um impacto positivo sobre as crianças. Elas gostam quando tem apresentações para toda a escola e começaram a se interessar mais pela leitura. Todos os alunos recebem uma lembrancinha, mas só os que desenvolveram a leitura, ganham destaque.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da literatura infantil é fundamental no processo de alfabetização, pois as histórias, contadas por meio do texto verbal e das imagens dos livros ajudam a atrair a atenção das crianças, ampliando o interesse e a atenção dos alunos, aspectos que colaboram para o desenvolvimento de um leitor crítico, conforme afirmação da colaboradora da pesquisa. Na visão da docente, a literatura infantil ajuda a criança a compreender os problemas e situações que enfrenta no dia a dia, por conter lição de moral e ensinamentos.

No entanto, entendemos que através das histórias de literatura infantil as crianças conseguem encontrar aconchego, se emocionar, dar boas risadas, além de desenvolver sua criticidade, curiosidade e competência leitora.

Ao analisar os dados da pesquisa pude refletir sobre as práticas de leitura realizadas pela professora por meio de contação de histórias que se apoiavam nos livros de literatura infantil e a utilização da sacola de leitura que tem o objetivo de aproximar os pais da educação dos filhos, fortalecendo o elo entre a escola e a família. No entanto, percebemos uma lacuna entre os dados da entrevista com os das observações. São contrapontos que nos levaram a concluir que as informações obtidas por meio da entrevista diferem das práticas de leitura desenvolvidas na sala de aula, pois, durante as aulas observadas a professora não utilizou de diferentes materiais para apoiar as narrativas, conforme ressaltado na entrevista. O conhecimento sobre o processo de mediação de leitura que a professora apresenta na entrevista não é posto em prática na sala de aula.

Diante disso, trago algumas reflexões que demonstram inquietações e dificuldades sentidas durante a pesquisa. As aulas de leitura observadas não tinham relação com o conteúdo que a professora afirmou que iria trabalhar. Outra dificuldade que merece destaque foi a falta de profissionalismo/atenção do gestor da escola, o qual não colaborou em passar dados sobre a instituição, principalmente, quando mencionava o projeto pedagógico curricular da escola (PPC). No entanto, essas dificuldades me motivaram a dar continuidade e persistir na minha pesquisa.

Por fim, reconheço o quanto esta pesquisa me serviu como pessoa apaixonada por literatura infantil, e para minha formação enquanto futura educadora do campo, pois trabalhar com literatura em escolas do campo ainda apresenta dificuldades, estas podem ser por falta de materiais, falta de interesse dos alunos, e

até mesmo, de práticas pedagógicas envolvendo a utilização da literatura com seus diferentes gêneros textuais, como: as histórias populares, as parlendas, as cantigas, os contos etc. As leituras dos autores que utilizei na fundamentação dessa pesquisa me ajudaram a ampliar meus conhecimentos sobre o tema e me fizeram refletir sobre como utilizar a literatura infantil na prática docente, esclarecendo dúvidas e inquietações a respeito da prática pedagógica da leitura.

Nessa perspectiva, considero que este estudo poderá ter continuidade, possibilitando novos aprofundamentos, com mais professores ou, realizada em diferentes escolas, para que se possa fazer um mapeamento de como são realizadas as propostas de leitura com os livros de literatura infantil nas escolas, sejam estas urbanas ou escolas do campo, pois considero que a pesquisa pode ser uma ferramenta que possibilita a abertura de várias oportunidades na minha carreira docente.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 3. ed. Scipione, São Paulo, 1993.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Políticas de formação de educadores (as) do campo**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622007000200004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622007000200004&script=sci_abstract&tlng=pt).

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2008.

BRASIL. **Constituição de 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília - DF. 1988. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>.

BRASIL. **Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010**. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Brasília, DF. 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm).

BRASIL. **Lei n. 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996**. Diretrizes e bases da educação nacional. Brasília - DF. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm).

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação e diversidade. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do Campo. Brasília: MEC/SECAD, 2002.

CALDART, R. S. Os sujeitos da educação do campo. In: KOLLING, E. J.; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. Salette (orgs.). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Coleção Por uma Educação Básica do campo, n. 4. Brasília: UnB, 2002.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. **Mediação da leitura e formação do leitor**. Curso de Formação mediadores da leitura. Fundação Demócrito Rocha, 2018.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivência na ação pedagógica**. Paulus, São Paulo, 2002.

COSTA, Eliane. **A formação inicial do educador do campo: um estudo sobre a licenciatura em educação do campo/Procampo**. Dossiê: Formação Docente, periódicos UFPA, v.10, n. 14, p. 95-111, jun., 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/4251/4123>.

FONSECA, João Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. UFCE – CE, 2002, 127 p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREITAS, Helana. **Rumos da educação do campo**. Em Aberto, Brasília, v. 24, n. 85, p. 35-49, abr. 2011.

Disponível em:

<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2484/2441>.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade**. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs.). **Leituras literárias**: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2008.

SILVA, Aline Luiza da. **Trajetória da literatura infantil**: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. REGRAD – Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM. V.2 – n. 2 – jul/dez – 2009.

SANDRONI, Laura. De Lobato à década de 1970. In: Elizabeth D'Angelo Serra (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens**: algumas leituras. Campinas, SP. Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SISTO, Celso. O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê). In: GIRARDELO, Gilka (org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis, SESC-SC, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VARGAS, Suzana. **Leitura**: uma aprendizagem de prazer. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2000.

## APÊNDICE

**APÊNDICE A****ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA REALIZADA COM A PROFESSORA COLABORADORA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – EDUCAÇÃO DO CAMPO  
ESTUDANTE: Aline Carla de Amorim Silva  
ORIENTADORA: Profa. Dra. M<sup>a</sup> Aparecida Valentim Afonso

**ENTREVISTA****Pessoal**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_

Instituição de formação: \_\_\_\_\_

Tempo de profissão: \_\_\_\_\_

Tempo que atua nessa escola: \_\_\_\_\_

Tempo que atua nessa série: \_\_\_\_\_

Participa de algum curso de formação de professor?  
\_\_\_\_\_**Pedagógico**

- Você utiliza a literatura infantil? Como utiliza?
- Como escolhe os livros para trabalhar na sala de aula?
- Com que objetivo você conta histórias?
- Que aspectos a literatura infantil ajuda a desenvolver a criança?